



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA

TÍTULO DO PROJECTO:
**“Intervir na cidade monumental
Complementaridade dos dois pólos monumentais com o Tejo”**

ORIENTANDA: Maria João de Castro Cunha Almeida Cortesão
(Licenciada)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura com Especialização em Gestão Urbanística

ORIENTADOR CIENTÍFICO: Professor Doutor Carlos Dias Coelho

Lisboa, FA-UTL, Novembro 2010



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA

TÍTULO DO PROJECTO:
**“Intervir na cidade monumental
Complementaridade dos dois pólos monumentais com o Tejo”**

ORIENTANDA: Maria João de Castro Cunha Almeida Cortesão
(Licenciada)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura com Especialização em Gestão Urbanística

ORIENTADOR CIENTÍFICO: Professor Doutor Carlos Dias Coelho

Lisboa, FA-UTL, Novembro 2010

Título do Projecto: “Intervir na cidade monumental. Complementaridade dos dois pólos monumentais com o Tejo”

Nome do Aluno: Maria João de Castro Cunha Almeida Cortesão

Orientador: Professor Doutor Carlos Dias Coelho

Mestrado: Arquitectura com Especialização em Gestão Urbanística

Data: Lisboa, FA-UTL, Novembro 2010

Resumo

O trabalho tem por base a busca de uma definição abrangente de Área Monumental. Compreender como se constitui, desenvolve e sobretudo como se atinge esse estatuto, tendo por objectivo a aplicação dos conhecimentos numa proposta de projecto integrado de ordenamento da Área Monumental Belém/Ajuda e projecto para um novo Museu dos Coches.

A temática da monumentalidade, aplicada às Cidades, define questões pertinentes e actuais. As Áreas Monumentais definem-se por diversos factores, entre eles, factores históricos, religiosos, paisagísticos, funcionais e morfológicos.

Depois, procedeu-se à aplicação desses conhecimentos à cidade de Lisboa. A Área Monumental escolhida foi Belém-Ajuda, um conjunto que se destaca pela sua relevante história ligada aos Descobrimentos e um inegável centro de poder.

A questão base que se procura resolver é o problema da ligação da cidade ao rio e a recuperação de uma memória perdida.

Posteriormente elaborou-se a definição do Modelo de Ordenamento que permite o trabalho desde a escala global até ao contexto da Área Monumental. A concepção de dois enfoques seleccionados que representam a proposta e a temática do trabalho. Por último, a criação de um equipamento museológico e respectivo espaço público, com a intenção de valorizar a temática em questão.

Devolver aos cidadãos e visitantes esta Área monumental tão importante, cheia de qualidades e de valor, que contribuem para uma verdadeira representação da imagem da Cidade de Lisboa.

Palavras-chave: Área Monumental; Monumento; Identidade; Memória; Cultura; Rio.

Project title: “Intervene in the city monumental. Complementarity of two monumental poles with the Tejo”

Student’s Name/Surname: Maria João de Castro Cunha Almeida Cortesão

Orientador: Professor Doutor Carlos Dias Coelho

Master’s degree: Architecture focus on Urban Planning

Date: Lisbon, FA-UTL, November 2010

Abstract

The work is based on finding a comprehensive definition of Monumental Area. Understanding how it is, especially as it develops and reaches that status, with the aim of applying knowledge in a proposal for the integrated planning of Monumental Area Belém/Ajuda and design a new Museum of Coach.

The theme of monumentality, applied to cities, defines the relevant issues and current. Monumental Areas are defined by several factors, among them historical factors, religious, scenery, and functional morphology.

Then we proceeded to apply that knowledge to Lisbon. The area was chosen Monumental Bethlehem-Help, a group that stands out for its important history linked to the Discovery Center and an undeniable power.

The basic question being addressed is the problem of connecting the city to the river and the recovery of a lost memory.

Subsequently developed the definition of the Model Ordinance that allows the work from the global to the context of the Monumental Area. The design of two approaches that represent the selected proposal and conceptions. Finally, the creation of an equipment museum and its public space, with the intention of highlighting the issue in question.

Return to citizens and visitors to this area as important monumental, full of quality and value, contributing to a true representation of the image of the city of Lisbon.

Keywords: Monumental Area; Identity; Memory; Discoveries; Approach to the river; Value / Cultural.

Índice Geral

Resumo.....	3
Abstract.....	4
Índice Geral.....	5
1. Introdução	1
1.1. Abordagem, enquadramento e justificação do Tema.....	1
1.2. Objectivos e Hipóteses de Trabalho	2
1.3. Metodologia proposta.....	4
1.4. Estrutura do projecto	5
2. Enquadramento teórico	6
2.1. Questão da intervenção na área monumental	6
2.2. Conceito de monumento, monumentalidade e área monumental	8
2.3. Análise de áreas monumentais	10
2.4. Monumentalidade no contexto de Belém e Ajuda.....	13
3. Caracterização da Proposta de Intervenção	16
3.1. No contexto de Lisboa.....	16
3.1.1. Localização	16
3.1.2. Contexto Histórico	16
3.1.4. Conjuntos Monumentais de Lisboa.....	18
3.2. No contexto actual de Belém-Ajuda: avaliação crítica	19
3.2.1. Localização	19
3.2.2. Estrutura Funcional	19
3.2.3. Eixos Estruturantes e Meios de Transporte	20
3.2.4. Problemas e Intenções.....	20
4. Proposta de intervenção ao nível do plano estrutura e detalhe.....	22
4.1. Plano de estrutura Belém-Ajuda.....	22
4.1.1. Plano de Detalhe da Zona de Belém	27
4.1.2. Plano de Detalhe do Palácio da Ajuda	28
5. Proposta de intervenção ao nível do projecto integrado	29
5.1. Museu dos Coches.....	29
5.2. Conceito Expositivo	32

5.3. Espaço Público envolvente do Museu	34
6. Conclusão	35
7. Bibliografia	37
Anexos	39

1. Introdução

1.1. Abordagem, enquadramento e justificação do Tema

O tema proposto para desenvolver no projecto final de mestrado integrado intitula-se: “Intervir na cidade Monumental”. Tendo por base as áreas da cidade com elevado valor patrimonial. Na cidade de Lisboa, considera-se a existência de três “áreas monumentais”: Baixa-Chiado, da Expo 98 e Belém/Ajuda. Estas três áreas têm cariz distinto sendo que a primeira é histórica, a segunda é programada e a terceira é monumental, histórica e programada, a qual é o objecto de estudo deste trabalho.

O objectivo final deste projecto é uma intervenção neste território de grande valor patrimonial, evidenciando o seu cariz monumental. A partir do que é proposto, centramo-nos na temática “Complementaridade dos dois pólos monumentais com o Tejo”.

A área de intervenção localiza-se a ocidente do concelho de Lisboa, enquadrada entre a Torre de Belém, a Cordoaria e o Palácio da Ajuda. Este território tem um importante valor histórico-morfológico, sendo o rio Tejo, mais um elemento fundamental neste conjunto monumental. A intervenção deverá ter em conta o valorizar e enaltecer da sua área monumental.

1.2. Objectivos e Hipóteses de Trabalho

O intuito deste projecto final remete-se a uma intervenção na área monumental de Belém e Ajuda através da concepção teórica e prática de um modelo urbano e um novo Museu dos Coches. Estas áreas monumentais têm um importante valor histórico, uma grande riqueza morfológica, contendo características peculiares e problemas emergentes.

Este projecto de tese, procurou dar resposta ao principal problema da zona de intervenção, que, como foi referido anteriormente, é a desarticulação existente entre os dois pólos monumentais e o rio Tejo.

Com o intuito de solucionar esse principal problema, foi elaborada uma intervenção à escala urbana, tendo em conta as fragilidades e as potencialidades das mesmas. Daí surgirem alguns objectivos principais:

- Estabelecer uma **ligação entre os dois pólos (Belém-Ajuda)**, enaltecendo as suas potencialidades, de forma a criar uma continuidade da monumentalidade que por agora se encontra despercebida;
- **Valorizar a zona Ajuda**, fazendo uma recuperação, reabilitação arquitectónica do Palácio da Ajuda, revitalizando funcionalmente o espaço envolvente com a inserção de novas zonas ajardinadas, com miradouros, algumas galerias e áreas comerciais que de certa forma proporcionará uma maior dinâmica na vivência social e cultural da zona;
- **Criar um novo equipamento museológico, o Museu dos Coches**, mais amplo, com capacidade para poder albergar grande parte dos coches existentes permitindo uma vivência condigna do acervo e dos espaços.
- **Reestruturar, revitalizar funcionalmente as praças** atenuando a sua rigidez e a característica dos anos 40;
- Criar **ligações directas entre a zona histórica e a zona ribeirinha**, com o intuito de atrair mais turistas, dando mais dinâmica a esta última, que, actualmente constitui um elemento menos atractivo.

Com estes objectivos pretende-se enfatizar a relação de complementaridade destas duas áreas monumentais.

Estes objectivos serão concretizados com a elaboração de algumas operações, tais como:

- **Ligação com o rio/Recursos paisagísticos** – a zona de Belém tem uma ligação histórica com o Rio Tejo;
- **Turismo/Recursos patrimoniais privilegiados** – esta zona está vocacionada para o turismo cultural, relacionada com os monumentos, e turismo de lazer.
- **Comércio, serviços e lazer** – estas zonas têm condições para se expandir ao nível do comércio local, restauração, espaços de lazer e, também, de repouso. Existe a possibilidade de inúmeros eventos serem desenvolvidos pelo município dando um importante impulso para as actividades comerciais, combatendo o fenómeno de quebra nocturna.

1.3. Metodologia proposta

A metodologia proposta visa a elaboração de um projecto integrado de intervenção na área de estudo. O trabalho tem uma componente prática e uma componente teórica. Sendo que a componente prática visa desenvolver a abordagem ao projecto em quatro fases, numa tentativa de conhecer os problemas e as possibilidades de acção no local.

A primeira fase, **caracterização do tema**, remeteu-se para a investigação do conceito de monumento e área monumental, fazendo uma apreciação crítica de diversos casos de estudo sobre as suas condições específicas e das particularidades no contexto da cidade.

Na segunda fase, **caracterização do sítio**, elaborou-se um levantamento para uma melhor caracterização da zona de estudo, Belém-Ajuda, no contexto da cidade de Lisboa, estudos esses que nos mostrassem a evolução da frente ribeirinha, as funções predominantes da cidade através dos elementos arquitectónicos, dos espaços verdes, a mobilidade e acessibilidades da cidade, os planos propostos, de forma a ser feita uma análise mais completa dos problemas e das potencialidades da cidade com o intuito de reforçar o carácter monumental.

Na terceira fase, **modelo de ordenamento**, estabeleceu-se um conjunto de resoluções aos problemas e aos objectivos propostos para toda a «área monumental» de Belém-Ajuda, justificando a especificidade e peculiaridade da zona. Foram desenvolvidos estudos de intervenção urbanística e procedeu-se à concepção de duas áreas mais detalhadas. Optou-se pela intervenção junto ao Mosteiros dos Jerónimos, Quarteirão Vieira Portuense e a zona ribeirinha e em segundo lugar, pela intervenção no Palácio da Ajuda.

Por fim, o **projecto integrado** consistiu na elaboração de um equipamento museológico no contexto urbano envolvente – Museu dos Coches.

A componente teórica consiste na interpretação, justificação e valorização das componentes práticas anteriormente descritas. Este objectivo foi obtido através de uma bibliografia de referência, que permitiu a aquisição de conceitos teóricos conduzindo também a uma consolidação da proposta apresentada. Esta componente teórica consiste na definição da “Área Monumental” e na fundamentação das opções desenvolvidas no projecto.

1.4. Estrutura do projecto

A estrutura do projecto serve de base para uma melhor organização e apresentação do projecto final. Esta estrutura incidirá em cinco fases.

Primeiramente será feita uma análise sobre o conceito de “Área Monumental”. Para tal, serão analisados alguns casos de áreas monumentais, com diferentes conceitos em algumas cidades do mundo. Seguidamente apresenta-se o caso concreto da zona de Belém-Ajuda, através de elementos documentais, tais como, cartografia, fotografias, textos e palavras-chave e, ainda, esquemas, gráficos e tabelas.

Posteriormente, faz-se uma análise crítica sobre a área monumental de Belém-Ajuda no contexto da cidade de Lisboa, através de tratamento de dados, esquemas, esboços explicativos da evolução, desenhos e texto.

A concepção do modelo de ordenamento baseia-se na elaboração de uma proposta urbana, tendo em conta estratégias de organização, planeamento e gestão territoriais. A abordagem implica pormenorização de soluções, recorrendo a cartografia recente, algumas referências de conceito, fotografias para se poderem produzir peças técnicas, tais como: desenhos, esboços explicativos, plantas às escalas convenientes para uma melhor leitura, cortes à escala 1/1000, e textos que fundamentem a ideia geral do projecto.

Nesta fase é feito um tratamento urbano de duas zonas, que foram propostas no modelo de ordenamento. Estas são: a zona do Palácio da Ajuda e a envolvente, e a zona ribeirinha juntamente com a nova proposta arquitectónica para o Museu dos Coches. Este zoom é feito através de plantas técnicas à escala urbana, cortes e perfis à escala 1/500 e 1/200, pormenores à 1/50, bem como, perspectivas demonstrativas da vivência da proposta.

Por último, o Projecto integrado de Espaço Público e o projecto do equipamento museológico, fazem-se tendo por base esboços evolutivos da ideia/conceito, diferentes linguagens de representação, tal como fotomontagens, desenhos à mão-livre, e ao nível técnico são elaboradas plantas à escala de detalhe, cortes e perfis à escala 1:100, tanto do interior como do exterior do museu.

Também são tidas em conta maquetas dos Planos de Pormenor assim como do equipamento museológico.

2. Enquadramento teórico

2.1. Questão da intervenção na área monumental

*"Os conceitos e processos de intervenção sistemática na cidade existente têm evoluído significativamente ao longo das últimas décadas e, em consequência, mudaram de intenção e de figura os instrumentos de planeamento e projecto bem como a organização da gestão. Por **intervenção na cidade existente** entendemos o conjunto de programas e projectos públicos ou de iniciativas autónomas que incidem sobre os tecidos urbanizados dos aglomerados, sejam antigos ou relativamente recentes, tendo em vista: a sua reestruturação ou revitalização funcional (actividades e redes de serviços); a sua recuperação ou reabilitação arquitectónica (edificação e espaços não construídos, designadamente os de uso público); finalmente, a sua reapropriação social e cultural (grupos sociais que habitam ou trabalham em tais estruturas, relações de propriedade e troca, actuações no âmbito da segurança social, educação, tempos livres, etc.)"* (OLIVEIRA E CUNHA, Maria, "Intervenção na cidade existente").

O autor aborda de uma maneira teórica os conceitos e os processos que devem presidir a uma "intervenção na cidade existente", qualquer que seja o objecto dessa intervenção urbanística, monumento, espaço público, habitacional, moderno ou antigo. A intervenção, para além da recuperação arquitectónica, deve proporcionar a sua ocupação social, cultural e funcional na perspectiva do cidadão e da sua vivência.

Este conceito foi adoptado em pleno na proposta de trabalho a desenvolver, uma vez que se aplica quer à reabilitação do Palácio da Ajuda, quer à perspectiva implícita na recuperação da zona ribeirinha a qual se vocaciona para uma revitalização funcional, cultural e de lazer.

*"As pessoas desejam edifícios que representem a sua vida social e comunitária, mais do que cumprir somente metas funcionais. Querem também ver satisfeitas as suas aspirações de monumentalidade, alegria e orgulho. (...) Para satisfazer este desejo, são necessárias algumas condições essenciais. **O monumento deve ser integrado no projecto do planeador**, arquitecto, pintor, escultor e paisagista em equipa. Maior parte dos arquitectos modernos não foram treinados para este tipo de trabalho integrado. Não têm sido encarregues de tarefas monumentais."* (J.L.Sert, F.Léger e S.Giedion, [sd]).

Este texto vem reforçar o conceito de Nuno Portas no sentido em que vinca a importância de o arquitecto ir ao encontro das necessidades, anseios e aspirações de acordo com a vida social, cultural e histórica das populações. Neste contexto, estes autores, cuja citação acima se insere em “*Nine Points on Monumentality*”, escrito nos anos 40, quiseram justificar a criação do monumento na arquitectura moderna, como resultado de um projecto multidisciplinar no conceito e na realização, de modo a permanecer como uma memória.

Conclui-se assim, que, a intervenção numa área monumental tem de ser concebida inicialmente a uma grande escala, com uma grande diversidade de objectivos, obrigando pois à concepção por uma equipa constituída por elementos com formação diversificada que enriquecem o projecto e dão sentido ao papel do monumento na cidade, relativamente ao seu contexto histórico, funcional e simbólico. Para tal, o levantamento do património, sob o ponto de vista histórico, cultural, ideológico e simbólico dessa cidade, ou seja, é necessário proceder-se a um melhor entendimento sobre o que é monumento, monumentalidade e áreas monumentais, sendo este o primeiro passo para o desenvolvimento deste projecto.

2.2. Conceito de monumento, monumentalidade e área monumental

Na continuidade dos conceitos anteriormente estabelecidos e, visando o desenvolver do projecto surge a necessidade de “explorar” os conceitos de monumento e monumentalidade para definir “área monumental”.

A palavra latina *monumentum* tem origem indo-europeia em *men*, sendo que esta exprime funções do espírito e *memini* da memória. *Monere*, do latim, significa fazer recordar. *Monumentum* é entendido com o significado de passado. Assim, atendendo às raízes da palavra, monumento é tudo aquilo que pode invocar o passado (LE GOFF, 1985: 95).

Monumento e monumentalidade são dois conceitos distintos, embora o significado de monumentalidade seja derivado do primeiro, não é só mais um objecto presente no espaço urbano; é uma ideia, uma concepção, o objectivo capaz de viajar no imaginário.

Para um melhor entendimento dos conceitos: monumento, monumentalidade e área monumental, recorreu-se a várias citações de diversos autores, sendo que o texto de J.L.Sert, F.Léger e S.Giedion - *“Nine Points on Monumentality”*; e o livro *“Alegoria do Património”* de Françoise Choay são duas obras fundamentais, com entendimentos complementares que abordam os conceitos de património, monumento, monumento histórico e a sua integração nas cidades e monumentalidade no contexto da cidade.

*“Monumentos são marcos humanos, que os homens criaram como símbolos das suas ideias, dos seus objectivos, e das suas acções. Eles são **destinados a sobreviver** ao período que lhes deu origem e constituem um património para as gerações futuras. Como tal, eles formam um elo entre o passado e o futuro.”* (J.L.Sert, F.Léger e S.Giedion).

A autora francesa Françoise Choay em *“Alegoria do Património”* refere que “O Monumento tem por finalidade fazer reviver no presente, um passado engolido pelo tempo”. Estas duas citações podem considerar-se complementares na tradução da ideia de intemporalidade e “imortalidade” do monumento para além da memória do Homem.

O **conceito de monumento** aplica-se a obras arquitectónicas e esculturas, e a diferentes tipos de documentos escritos e iconográficos, considera-se que sejam obras

de arte e todo e qualquer elemento ou objecto que expresse a actividade e o pensamento social de uma época.

A **monumentalidade** representa e valoriza ideias, acções e concepções daqueles que a utilizam. Tem sempre um intuito, podendo este, estar ou não explícito, contudo têm a capacidade de se difundir ou concentrar nas mais variadas formas, segundo Lefebvre (1999).

“ (...) Em toda parte a monumentalidade se difunde, se irradia, se condensa, se concentra. Um monumento vai além de si próprio, de sua fachada (se tem uma), de seu espaço interno. A monumentalidade pertence, em geral, a altura e a profundidade, a amplitude de um espaço que ultrapassa os seus limites materiais (Lefebvre, 1999, p. 46)”. Pode então entender-se que o monumento inclui sempre um significado, um marco uma representação, uma comemoração, no fundo um acontecimento que se quer eternizar.

Nos últimos anos, segundo o mesmo autor e outros, tem-se testemunhado a **desvalorização da monumentalidade**, pois os monumentos modernos são considerados “vazios”, sem identidade, uma vez que não representam o espírito e o sentimento colectivo dos tempos modernos.

Para além do seu significado e limites materiais inerentes, o monumento deve ter um espaço envolvente condigno, ideia esta tão bem traduzida por J.L.Sert, F.Léger e S.Giedion [sd] na seguinte citação: *“Os edifícios monumentais terão então espaço para estar no espaço, assim como árvores ou plantas, edifícios monumentais não podem ser colocados entre aglomerados num vulgar lote de uma cidade. Apenas quando é conseguido espaço pode o novo centro urbano ganhar vida.”* Esta concepção aqui expressa, conduz ao conceito de **Área Monumental** sendo esta uma parte relativa a uma certa cidade, como elemento de identidade único, que não é reproduzível em outro espaço. Pode ser um elemento, uma área ou um conjunto da cidade, mas necessita de funcionar como um todo.

2.3. Análise de áreas monumentais

Posteriormente à análise feita dos conceitos acima referidos, foram estudados alguns casos práticos de cidades que, actualmente, têm o estatuto de áreas monumentais, a fim de se poder aplicar como termo de comparação à zona Belém/Ajuda.

As cidades seleccionadas foram: *Viena, Bilbao, Fez, Paris e Atenas*. Nestes cinco exemplos, o conceito de área monumental tem diversas vertentes: histórica, religiosa, morfológica, simbólica e funcional da cidade.

A cidade de **Viena** foi edificada dentro de duas fortificações, no século XI, como o centro da cidade rodeado de muralhas e bastiões. Em 1856, com a intenção de criar um plano monumental para Viena, demoliram-se as muralhas e no campo de tiro foi construído o Ringstrasse. Trata-se de um anel monumental que engloba edifícios de vários estilos colocados ao longo da grande avenida, sempre associados a grandes espaços públicos, nomeadamente jardins. Este grande anel envolve uma zona da cidade que não tem cariz de área monumental. Contudo, a Catedral de São Estêvão e o respectivo espaço envolvente, são uma área monumental de Viena, apesar não terem qualquer ligação física com o Ringstrasse.

Concluiu-se que em Viena a monumentalidade é expressa em monumentos que reflectem a história, os ideais da época, em que a finalidade da sua construção e sua ocupação presente têm maioritariamente ligado à administração e a serviços ligados ao poder central. Os edifícios em si são monumentos ocupados pelo parlamento, a câmara municipal, museus e ainda catedrais, sempre associados a grandes espaços verdes.

A cidade **Bilbao** é conhecida como cidade industrial desde as suas origens, em que o rio Nervión era visto como meio de navegação e transporte de mercadorias. No século XIX, XX e XXI foi construída uma nova área na outra margem do rio, onde se realizaram alguns dos projectos mais representativos da cidade, como é o exemplo do Guggenheim e o Palácio de Congressos e Musica.

A partir daí, houve a necessidade de criar uma ligação funcional, paisagística e arquitectónica entre as duas margens do rio através da construção de pontes.

Ao estudar a cidade de Bilbao apercebemo-nos que estamos perante uma monumentalidade programada, cuja construção se encontra ainda em curso, caracterizando-se pela sua grandiosidade, pela temática e pelos materiais utilizados.

Em relação a **Fez**, cidade islâmica com características distintas das cidades europeias, foi fundada no século IX, mas só atingiu o seu apogeu nos séculos XIII e XIV quando substituiu *Marraquexe* como capital do reino. A maior parte dos monumentos foram feitos neste período. Até aos dias de hoje, Fez é considerada “capital cultural e espiritual”.

Esta cidade é caracterizada por ser o centro religioso, apresenta um eixo estruturante, e é ao longo deste que se encontram distribuídos os edifícios considerados monumentais de cariz religioso e histórico, tais como: mesquitas, madraçais, palácios e fontes. São estes elementos arquitectónicos que contribuem para o conceito de área monumental.

Paris é a capital de França, surgiu na Antiguidade, na Île de la Cite onde, pela sua posição estratégica, foram construídas as primeiras fortificações. O crescimento foi-se dando ao longo dos séculos, nas duas margens do rio Sena.

Os monumentos em Paris encontram-se ou no centro da cidade ou nas margens do rio. Existe um eixo histórico, que se inicia no pátio do Louvre, sendo que este representa o alinhamento monumental dos edifícios e das vias de comunicação que partem do coração da cidade em direcção oeste.

Paris é uma cidade monumental por ser um elemento representativo de uma nação, por ser uma cidade onde permanece a sua identidade, a sua história, pela sua importância patrimonial e simbólica ao nível cultural e artístico e também pela sumptuosidade da cidade e da sua envolvente.

Por último, estudou-se a cidade de **Atenas** que foi, durante o período da civilização grega reconhecida como cidade-estado da Grécia Antiga. Entre 500 a.C. até 300 a.C., foi o principal centro cultural e intelectual do Ocidente. Em 1458, grande parte dos edifícios da cidade foram destruídos, ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX com a queda do Império Otomano, com o intuito de controlar a cidade, chegando ao ponto de ficar “virtualmente inabitada”. A partir do início do século XIX deu-se a sua reconstrução. Foram ocorrendo diversas expansões urbanas ao longo dos séculos transformando Atenas numa cidade moderna.

Actualmente Atenas é conhecida pelos seus monumentos antigos, sendo um dos maiores locais turísticos do mundo. Devido a todo o seu passado histórico, é um dos principais centros de pesquisa arqueológica, uma vez que possui inúmeros locais arqueológicos no próprio centro urbano da cidade, onde se destaca a Acrópole. É também conhecida pelas ruínas de edifícios clássicos importantes, tal como o Partenon e o Erecteion.

No caso da cidade de Atenas verifica-se a existência de dois conjuntos monumentais, um alcançado pela morfologia e história desse passado tão rico da cidade, relação da componente histórica de ruína com a mesma; o outro conjunto arquitectónico mais recente, parte do propósito de criar algo para enaltecer um único elemento, o Palácio Real actual Parlamento.

Verifica-se que o tema da monumentalidade aplicada no contexto da cidade, define questões actuais. Uma área monumental pode ser caracterizada por conceitos subjectivos (Religião, História, Morfologia e Funções), ou ainda por elementos arquitectónicos funcionais, visuais e sociais. A monumentalidade, neste caso, é caracterizada pela função que os monumentos têm na cidade, o intuito com que foram concebidos, o seu papel no contexto da cidade e pela forma, local e dimensão que os torna grandiosos, motivo de orgulho na óptica do cidadão.

2.4. Monumentalidade no contexto de Belém e Ajuda

A análise comparativa anteriormente efectuada, relativamente a algumas cidades (Bilbao, Viena, Fez, Paris e Atenas) permitiu apurar conceitos qualitativos e funcionais, que se podem transpor para as áreas em estudo Belém/Ajuda. Na análise feita da zona Belém-Ajuda considerou-se três tipos de Áreas Monumentais. Assim, podem reconhecer-se três tipos de monumentalidade – a monumentalidade religiosa (Mosteiro dos Jerónimos), a monumentalidade histórica (Torre de Belém, Palácio da Ajuda) e a monumentalidade programada (exposição do mundo português 1940).

A **monumentalidade religiosa** costuma estar associada aos centros das cidades, como elementos destacados dos outros edifícios que remetem ao passado. Duas cidades representativas deste tipo de monumentalidade são Fez, cidade que é caracterizada por ser o centro religioso e Bruges pois os edifícios religiosos estão destacados dos restantes.

“(...) monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças.” (CHOAY, 1982)

A **monumentalidade histórica** remete-se para diferentes épocas e estilos arquitectónicos, está directamente relacionada com o património do local. Temos o exemplo de Toledo que se distingue pela sua história, pois, o conjunto monumental é diversificado por ter passado pelas mãos de diversos povos.

Segundo CHOAY (1982) o monumento é *“Símbolo brilhante da permanência do laço que unia a historiografia e os estudos de antiguidades.”*

A **monumentalidade programada** é caracterizada por dar origem a uma nova zona de uma cidade, com um determinado intuito funcional. Dois exemplos que ilustram este conceito é o caso de Ringstrasse (Viena) e a Exposição do Mundo Português. Esta área monumental tem o intuito de criar obras com as quais as comunidades se identifiquem permanecendo como um marco ao longo do tempo.

Num contexto mais abrangente sobre a cidade de Lisboa, constata-se que existem, principalmente, duas áreas monumentais, qualificadas em tempos diferentes, a Baixa-Chiado/Castelo e o conjunto monumental de Belém/Ajuda.

Antigamente, apesar de cada pólo ter uma ligação directa com o rio Tejo, estes não tinham qualquer ligação entre si. Actualmente, estão fortemente interligados pelo dinamismo presente na zona ribeirinha, através de actividades de cariz cultural, social e funcional.

Belém corresponde à zona ocidental da cidade de Lisboa, em que a sua proximidade com o rio Tejo proporcionou o surgimento de actividades ribeirinhas. Foi o rei D. Manuel I que mandou construir a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, com a intenção de serem espaços de invocação, da era dos descobrimentos. Com a construção do monumental conjunto manuelino, Belém na época da sua construção, passou a ser mais requisitada sobretudo como local de recreio e ainda como zona habitacional, até pela nobreza.

No terramoto de 1755, Belém e Ajuda foram as zonas menos afectadas, tal acontecimento fez com que muita gente se instalasse em barracas edificadas nos diversos baldios. O próprio Rei instalou-se nas barracas, no sítio onde mais tarde se ergueu o Palácio da Ajuda. Em 1794, deu-se o grande incêndio na Real Barraca da Ajuda, fazendo com que a família real se instalasse no palácio de Queluz. Após o início da construção do palácio da Ajuda, ficando este inacabado, devido à invasão francesa, a família real viu-se obrigada a viajar para o Brasil.

Na segunda metade do século XIX, houve um maior desenvolvimento industrial e com isso, surgiram os primeiros pátios e bairros proletários.

Nas plantas de Lisboa do início do século XIX, pode-se constatar que não existiam barreiras físicas entre Belém e o rio. O afastamento foi-se desenrolando ao longo do século XIX com a criação de aterros, que conduziram a um maior desenvolvimento urbano e a construção da linha férrea. Estes elementos vieram de certa forma, quebrar a ligação que existia entre Belém e o rio.

A **Exposição do Mundo Português** em 1940, veio comemorar os centenários de 1140, que representa o reconhecimento de Portugal, e o de 1640 que celebra a restauração da independência. Esta exposição foi, também, projectada com o intuito de atribuir um carácter monumental a esta zona da cidade.

Actualmente, a **área monumental de Belém-Ajuda** é considerada uma referência internacional, pela sua forte identidade, relevância histórica e cultural, visto estar repleta de elementos culturais. Exemplos disso são o Palácio de Belém, o Museu dos Coches, o Museu da Arqueologia, o Centro Cultural de Belém, a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, a Cordoaria, o Mosteiro dos Jerónimos, o Museu da

Arte Popular e o Palácio da Ajuda. Estes elementos culturais complementam-se com os jardins existentes, como é o caso do Jardim Tropical e do Jardim Botânico da Ajuda, e com as praças que configuram o espaço.

Apesar deste conjunto monumental ter um grande potencial ao nível histórico, cultural e social, mostra ser uma área com algumas fragilidades devido à desarticulação entre os elementos arquitectónicos entre si, e à relação entre os espaços com o rio Tejo, que, por sinal, também é debilitada, devido às barreiras físicas existentes - rodoviária e ferroviária.

Pode-se concluir que a área monumental Belém-Ajuda aplicada no contexto da cidade de Lisboa, é considerada um ponto de referência, tanto ao nível nacional, como internacional, pela relevância histórica e cultural, pela qualidade patrimonial e arquitectónica associada a grandes espaços de contemplação e, por fim, pela proximidade com o rio Tejo e a sua envolvente.

3. Caracterização da Proposta de Intervenção

3.1. No contexto de Lisboa

3.1.1. Localização

A cidade de Lisboa, para além de ser a capital de Portugal, é a maior cidade do país. Situa-se a oeste de Portugal, na costa do Oceano Atlântico, localizando-se na margem direita do rio Tejo, junto à foz.

Estende-se ao longo do estuário do Tejo, por um terreno acidentado de colinas, por isso se diz “Lisboa é uma cidade de vales e colinas abertas sobre o rio.”¹

3.1.2. Contexto Histórico

Lisboa é uma cidade multissecular, anterior à era cristã. Foi ocupada sucessivamente (...) pelos romanos (...). Em 1147 foi conquistada aos Mouros por D. Afonso Henriques, que em 1179 lhe atribuiu o 1º foral (carta que concede o direito da cidade) confirmado, posteriormente, por D. Sancho I.

No reinado de D. Afonso II tornou-se a capital do reino, existindo o reforço da sua função urbana ao longo dos séculos. A cidade tem vindo a ter um papel essencial e determinante na vida da Nação, como palco de importantes acontecimentos históricos e políticos, como por exemplo a crise de 1385 - período de guerra civil e anarquia, ou durante a restauração da independência a 1640, ou como foi o caso da revolução republicana de 1910.

Em 1755, deu-se um violento terramoto que destruiu mais de um terço da cidade, tendo sido o Marquês de Pombal a comandar a sua reconstrução. Nasceu assim uma Lisboa Pombalina de ruas largas cortando-se em ângulos rectos, com casas da mesma altura e fachadas iguais e simples, este aspecto recriou uma centralidade na cidade e uma nova união entre a mesma e o rio.

No início do século XIX, com a cidade a expandir-se para o Norte e com o processo de industrialização que vinha crescendo, e com a ocupação do espaço ao longo das margens deu-se um maior afastamento entre a cidade e o rio.

Com o Estado Novo a expansão urbana da cidade, seguiu moldes nacionalistas e monumentais. Surgiram assim, novas urbanizações e edifícios

¹ Texto da Câmara Municipal de Lisboa - “A Lisboa Histórica – Pequeno Resumo Histórico”

públicos, a zona de Belém modificou-se com a Exposição do Mundo Português (1940) e, na periferia da cidade, foram edificados bairros sociais. A ponte sobre o Tejo, construída em 1966, possibilitou uma rápida ligação entre as duas margens do rio.

Nos anos 90 são reabilitados e revitalizados os bairros mais antigos valorizando o património histórico, cultural e arquitectónico e a zona ribeirinha passa a ter novas funcionalidades como local de lazer e convívio. É construída uma nova ponte, a ponte Vasco da Gama, e é reabilitada parte da área Oriental para a realização da Exposição Mundial dos Oceanos (1998).

3.1.3. Relação da cidade com o rio

A cidade de Lisboa tem ganho terreno ao rio com os sucessivos aterros, sobretudo, a partir do século XIX. Em 1859, iniciou-se a construção do primeiro aterro que ia de Alcântara à Torre de Belém; e em 1940, foi nos terrenos ganhos ao rio que se deu a Exposição do Mundo Português.

Esses aterros permitiram a criação de avenidas, a implantação de linhas de caminho-de-ferro e a construção de instalações portuárias e mesmo de novas urbanizações como o Parque das Nações e equipamentos como o Centro Cultural de Belém.

A relação entre os portos e as suas cidades tem sido marcada por várias fases, como a aproximação, o afastamento e o isolamento, à medida que os portos se vão adaptando às necessidades da época, impostas pelo comércio e pelas novas tecnologias.

Pode-se dividir a Frente Ribeirinha de Lisboa em três partes, de acordo com as três Áreas Monumentais da cidade: Ocidental (de Algés a Santos), Central (de Santos a Santa Apolónia) e Oriental (de Santa Polónia ao Parque das Nações).

Tanto a Frente Ribeirinha Ocidental como Central possuem um capital simbólico, devido a uma histórica associação aos monumentos, aos núcleos históricos e à proximidade com o rio, enquanto a Frente Ribeirinha Oriental possui um menor capital simbólico, sendo historicamente associada ao trabalho industrial. Esta situação alterou-se com a intervenção originada pela Expo 98, abrindo caminho também para uma nova área urbana.

3.1.4. Conjuntos Monumentais de Lisboa

Em Lisboa podemos identificar três **Conjuntos Monumentais** que se caracterizam por serem pólos urbanos com grande potencial patrimonial, histórico, cultural, económico e lúdico. São estas a zona da Baixa-Chiado/Castelo, a zona do Parque das Nações e, por fim, a zona de Belém-Ajuda que será a zona de intervenção.

- A zona da Baixa-Chiado/Castelo (zona histórica), marcada pelo seu passado histórico e patrimonial, reconfigurou-se aquando o terramoto de 1755. Grande parte da cidade foi então devastada e com a intenção de reconstruí-la surge um modelo iluminista dirigido por Marquês de Pombal, um plano urbanístico que impõe um traçado geométrico ortogonal, com hierarquização de vias, definidas em função das duas Praças mais emblemáticas da cidade: o Rossio e a Praça do Comércio.

- A zona do Parque das Nações (zona moderna), projectada em 1998, com o intuito de promover a imagem de Portugal no resto do Mundo, pode ser considerada uma zona emergente, representante da Lisboa moderna. É composta por um conjunto de edifícios culturais de uma arquitectura contemporânea, onde se destacam a Gare do Oriente, o Pavilhão de Portugal, o Oceanário de Lisboa, o Pavilhão Atlântico, a Torre Vasco da Gama, entre outros;

- Por último, a zona de Belém-Ajuda (zona monumental) embora fosse uma zona dotada de imensos monumentos só ganhou o estatuto de monumental após a programada Exposição do Mundo Português na década de 40.

3.2. No contexto actual de Belém-Ajuda: avaliação crítica

Para uma melhor caracterização da zona de Belém-Ajuda considerou-se importante analisar a área ao nível da sua localização. Elaborou-se um estudo pormenorizado da sua estrutura funcional tanto ao nível arquitectónico (conjunto de elementos de cariz monumental, histórico e religioso), como ao nível viário, os eixos estruturantes que permitem a ligação dos espaços. Por fim, foram estudados os problemas e as intenções para a zona.

3.2.1. Localização

A Área Monumental Belém/Ajuda situa-se na parte ocidental da cidade de Lisboa. Encontra-se compreendida a norte pelo Palácio da Ajuda, a sul pelo rio Tejo, a poente pela Avenida da Torre de Belém e a nascente pela zona de Alcântara.

A área de intervenção localiza-se nas Freguesias de Santa Maria de Belém e Ajuda, nas quais se encontram localizados equipamentos culturais, edifícios e espaços verdes de referência, quer pela sua relevância histórica e cultural, quer pela sua qualidade arquitectónica e ambiental.

3.2.2. Estrutura Funcional

Belém, após a exposição do Mundo Português, em 1940, assumiu plenamente a sua condição de centro cultural e monumental, por apresentar um conjunto patrimonial de elevado interesse histórico e artístico o que fez com que se tornasse uma das zonas da cidade com maior afluência turística.

O evento levou a uma completa renovação urbana da zona ocidental de Lisboa. A Praça do Império, uma das maiores da Europa, constituiu o centro de todo o espaço onde decorreu o evento. A maioria das edificações da exposição foram demolidas ao seu término, contudo o actual Museu de Arte Popular mantém-se até aos dias de hoje e, foi reconstruída a estrutura temporária da exposição do Monumento aos Descobrimentos. A exposição levou também à construção de outras infra-estruturas de apoio, como o Aeroporto da Portela.

A Área Monumental de intervenção caracteriza-se por ser um Centro Museológico, com elevado número de instituições, como é o caso do Museu dos

Coches, Museu da Arqueologia, Centro Cultural de Belém, Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos, Cordoaria, Mosteiro dos Jerónimos e o Museu da Arte Popular. Também é visto como Centro de Poder pela existência dos Palácios de Belém e Ajuda, sendo este, actualmente, vagamente simbólico. Estes elementos culturais complementam-se com os jardins existentes, como é o caso do Jardim Tropical e do Jardim Botânico da Ajuda e com as praças, Praça do Império e Praça Afonso de Albuquerque, que configuram o espaço.

3.2.3. Eixos Estruturantes e Meios de Transporte

Quanto às acessibilidades e mobilidade nesta Área Monumental é importante salientar que existem quatro eixos fundamentais, são estes:

- A **Calçada da Ajuda e do Galvão** fazem a ligação dos dois aglomerados urbanos, passando pelos pontos principais, como o Palácio da Ajuda, Jardim Botânico da Ajuda e os Quartéis;
- A **Rua de Belém e da Junqueira** que estabelecem a ligação de todos os elementos monumentais da zona de Belém, que é o caso do Palácio de Belém, Museu dos Coches, Mosteiro dos Jerónimos, CCB, etc;
- A **Marginal/Avenida da Índia** o eixo que efectua a ligação Lisboa a Cascais.

Ao nível dos transportes predominantes constata-se que o transporte individual assume maior protagonismo, acabando por vezes por congestionar a zona de Belém/Ajuda, tal como acontece em tantos outros pontos na cidade de Lisboa. Para além deste, os autocarros e os eléctricos também são bastante utilizados, em grande parte por turistas, por servirem toda a Área Monumental. Outros transportes de elevada importância são o comboio, que faz a ligação Lisboa-Cascais e o barco que vem da Margem Sul, facilitando assim a ligação à zona monumental da cidade.

3.2.4. Problemas e Intenções

Tendo em conta uma análise pormenorizada da Área Monumental Belém/Ajuda foram identificados alguns problemas nas três zonas distintas.

Na frente Ribeirinha apercebemo-nos que o aterro veio quebrar a ligação que existia com o rio, tendo precipitado a fragmentação da Área Monumental. A divisão

concretizou-se com a criação quer da linha férrea, quer da Av. da Índia, ambas consideradas barreiras físicas predominantes. Não obstante este aterro, não existe também qualquer relação com o tecido urbano envolvente, tanto ao nível arquitectónico, como ao nível de ligações com o rio.

Na zona monumental de Belém, os monumentos que a caracterizam têm uma fraca ligação entre si, o que potencia quebras ao nível das vivências culturais, turísticas e lúdicas dos espaços envolventes, os quais em parte se encontram degradados e sem utilidade.

A área da Ajuda está isolada do contexto de Área Monumental, em parte pela falta de redes viárias e transportes que possibilitem a ligação entre os dois pólos, e também, pela desvalorização do património nacional. Um exemplo desta desvalorização é bem visível no Palácio da Ajuda que não só se encontra inacabado, como também começa a apresentar “traços de degradação”. O próprio Jardim Botânico da Ajuda acaba por perder a sua identidade e uma maior visibilidade e amplitude, devido à envolvimento criada pelos edifícios degradados que o circundam.

Com base nos problemas (encontrados e) acima mencionados, considera-se indispensável a tomada de medidas urgentes que visem a reabilitação destas duas zonas de valor histórico inegável.

Para a zona da Ajuda o principal intuito foi instaurar um carácter monumental, valorizando os aspectos culturais, históricos e patrimoniais do espaço. Neste âmbito, e uma vez que a Ajuda se encontra, actualmente, isolada do contexto monumental característico de Belém, propõem-se algumas medidas como a requalificação arquitectónica do Palácio e do Jardim Botânico da Ajuda, a revitalização funcional dos espaços públicos envolventes e, ainda, a construção de edifícios de usos mistos, que possam colmatar os défices existentes.

No que respeita à zona de Belém, cujo carácter monumental está presente e consolidado, considerou-se importante dar primazia à implementação e desenvolvimento de novas funções culturais e artísticas, bem como a necessidade de criação de zonas de contemplação e lazer, enquadradas na envolvente monumental. Desta forma, para a zona de Belém e frente Ribeirinha, foram sugeridas uma revitalização funcional dos espaços, actualmente inutilizados, e uma maior estruturação relacional, através da criação de passagens aéreas e subterrâneas, entre Belém e o rio Tejo.

4. Proposta de intervenção ao nível do plano estrutura e detalhe

4.1. Plano de estrutura Belém-Ajuda

O tema proposto foi a “**Complementaridade dos dois pólos monumentais com o rio Tejo**”, com o intuito tornar as zonas monumentais mais coesas e reforçar a sua ligação ao rio Tejo.

A **área de intervenção** abrange parte das Freguesias de Santa Maria de Belém e Ajuda, está limitada a norte pelo Palácio da Ajuda, a sul pelo rio Tejo, a poente pela Avenida da Torre de Belém e a nascente pela Cordoaria. Esta área ocupa, no total, cerca de 120 ha.

A **proposta implementada** teve como conceito a consolidação das áreas monumentais, valorizando o património e a ligação de proximidade que estabelece com o rio Tejo. Este **objectivo** será concretizado com a criação de novas passagens para a Zona Ribeirinha, através de rampas e passagens subterrâneas, em três pontos fulcrais de atracção turística, nomeadamente, na zona da Torre Belém, no novo Museu dos Coches e na zona da Cordoaria. Estas passagens vão reforçar a ligação com o rio tanto ao nível visual, como físico. Deste modo, o prolongamento vai atribuir um maior dinamismo à linha de costa e com a criação de espaços culturais e de lazer, procura-se fortalecer a união do conjunto monumental com o rio.

Entendendo e partindo a Área Monumental em três zonas distintas, a **Zona Ribeirinha**, a **Zona de Belém** e a **Zona da Ajuda**, considerou-se importante referenciar as funções e intenções propostas para cada uma.

Na **Zona Ribeirinha**, área compreendida a Sul do Mosteiro dos Jerónimos e que se estende desde a Torre de Belém até à Cordoaria, procurou-se criar uma dinâmica valorizando o entretenimento e lazer. Para isso foi proposta a implantação de percursos pedonais e cicláveis, espaços dotados de mobiliário urbano, elementos de ensombramento, espaços verdes e estruturas de repouso, proporcionando zonas de contemplação da paisagem natural e da cidade.

Esta zona pode subdividir-se em cinco áreas principais segundo o que foi projectado no modelo de ordenamento:

- Na zona **envolvente da Torre de Belém** houve o cuidado de projectar extensos elementos relvados, à volta do eixo principal, sendo estes delimitadores da continuação da Avenida da Torre de Belém, podendo ainda ser utilizados pelos visitantes para descansar e apreciar a vista;

- Foi proposta uma **marina mais ampla**, reforçada com zonas de equipamentos culturais e edifícios de serviço de apoio aos desportos náuticos;

- Mais a Este, ao lado da galeria do Museu, foram projectados **espaços ajardinados** e espaços em calçada onde se podem fazer eventos e exposições. Foram criados com o intuito de incitar a permanência das pessoas nestes locais;

- A Este da Galeria foi planeada a **nova Estação Fluvial**, de construção mais ampla, e que se localizará em frente à linha de costa, prolongada por uma rampa que permite um acesso privilegiado ao rio e aos barcos;

- Por fim, houve a necessidade de conceber **espaços de serviços e comerciais**, tais como postos de informação turística, zonas de restauração e espaços de apoio às actividades náuticas, e ainda espaços ajardinados. Estes últimos espaços são relvados com relevo ondulante, chegando a atingir diferenças de um metro e vinte de altura em alguns pontos, cujo objectivo é a criação de espaços de permanência e usufruto da vista para o rio.

A Zona Ribeirinha sofreu uma grande alteração ao nível da linha da costa, uma vez que o novo espaço pode ser percorrido tanto a pé como de bicicleta, revigorando uma maior relação, quer física, quer paisagística com o rio.

Na **Zona de Belém** houve a preocupação de revitalizar funcionalmente a área histórica de Belém, reforçando a mesma com novas funções de representação política, cultural, de animação e turística. Para tal, os espaços públicos foram requalificados e reestruturados, bem como criados edifícios multifuncionais.

Esta zona conta com intervenções em seis pontos principais do projecto, seguidamente enumerados:

- A Sul do Palácio de Belém e a Oeste da Cordoaria, foi planeada uma **área multifuncional**, com edifícios mistos, de habitação e comércio e edifícios de serviços, tendo uma altura máxima de 12m. De notar que cada um deles está associado a uma zona ajardinada.

- O actual **museu dos coches foi reabilitado** como picadeiro de usufruição pública, restaurando o espírito inicial do edifício;

- De frente para os Quarteirões Vieira Portuense foi **projectado o novo pólo museológico**, que fica situado entre a Praça Afonso de Albuquerque e a Praça do Império. Este novo elemento integra o renovado Museu dos Coches e visto continuar

em direcção à zona ribeirinha, projectou-se uma passagem aérea para peões, atravessando a marginal sem afectar a circulação existente. No centro do espaço envolvente do museu é projectado um espelho de água sobre uma plataforma, onde é possível expor colecções temporárias do Museu;

- A Praça Afonso de Albuquerque e a Praça do Império foram intervencionadas mudando o seu desenho, com o objectivo de implementar uma relação mais harmoniosa com o resto da proposta. As praças serão arborizadas, sendo posicionados espelhos de água em frente a cada entrada, com o objectivo de as encaminhar para o rio. Para além disto, foi efectuado um alargamento e alinhamento dos jardins em frente ao Mosteiro dos Jerónimos.

- Projectou-se uma **unidade hoteleira** nas imediações do Centro Cultural de Belém, de forma a substituir o existente na zona ribeirinha, uma vez que esta alternativa não iria interferir com a circulação na zona mais próxima do rio.

- Por fim, na **Igreja da Memória**, foi projectado um espaço de estar, dotado de mobiliário urbano e elementos de ensombramento. O declive existente nesta área foi colmatado com a elaboração de uma escadaria de acesso ao espaço.

Na **Zona da Ajuda** houve a intenção de fortalecer a área monumental com a inserção de alinhamentos de pavimentos e espaços ajardinados, estabelecendo o elo de ligação visual entre a Ajuda e o Rio, sendo que também foram pensados espaços edificadas multifuncionais.

A aproximação da zona do Palácio da Ajuda ao rio, não é realizada em termos físicos mas em termos visuais.

Analisando de forma mais macroscópica a proposta para a Zona da Ajuda, pode-se dizer que houve a preocupação de criar **duas zonas distintas, uma de cariz monumental**, recriando a zona envolvente dos dois monumentos existentes - o Palácio da Ajuda e o Jardim Botânico da Ajuda, e outra de **cariz funcional** com características habitacionais, comerciais, educacionais e lazer.

Estas duas áreas podem ser subdivididas em vários pontos, sendo que a intervenção na área de cariz monumental será apresentada em cinco principais cenários, com uma lógica de ligação entre si e ao espaço envolvente:

- A Este do palácio, procurou-se recriar **espaços ajardinados referenciados ao estilo dos jardins franceses**, ao nível da linearidade e geometria rigorosa. Houve a preocupação de recuperar as ruínas subterrâneas, existentes na zona, tornando-as um ponto de paragem e admiração. A Este do Jardim das Damas, foi pensado um espaço de contemplação, dotado de mobiliário urbano, elementos de ensombramento

e vegetação diversificada. Visto tratar-se de um dos pontos mais altos da zona é possível observar o rio, grande parte da cidade de Lisboa e a margem sul;

- No espaço a Sul do palácio, houve a necessidade de criação de **um espaço simétrico ao jardim botânico**, com cota idêntica. Para obter tal fim, foram destruídas algumas das habitações existentes, bastante degradadas e sem utilidade. O ponto de união entre o palácio e esta zona é conseguido pela construção de uma escadaria que, simultaneamente serve de miradouro. Tendo em conta que a diferença de cota é elevada, projectou-se ainda uma galeria de Arte Moderna, integrada no novo programa do palácio, a qual está projectada no enfiamento da torre do palácio e de um espelho de água;

- A Oeste desta nova zona ajardinada, mais especificamente no Jardim Botânico, criou-se outra entrada, a Norte, de forma a estarem ambas (a entrada nova e a já existente) directamente ligadas aos percursos desenhados nos jardins envolventes criando entre si unidade e continuidade. Adicionalmente foram projectadas novas áreas de estar para incentivar uma maior frequência e permanência no local de visitante;

- A área que se recria a Norte do Jardim Botânico e a Oeste do Palácio da Ajuda, foi perspectivada em eixos de simetria que se prolongam e cruzam as três áreas anteriores. Este espaço integra zonas ajardinadas, sendo que os caminhos são caracterizados pela sua largura, geometria e alguns elementos de água;

- Por último, mais a norte das quatro áreas anteriormente descritas, e para compensar o declive acentuado na Zona da Ajuda, foram **projectadas zonas de serviços e de comércio subterrâneas**, cuja passagem para o patamar superior é conseguida através de escadarias laterais e rampas.

Na área de cariz funcional são projectadas as seguintes duas zonas principais:

- É planeada uma **zona edificada** com o intuito de substituir as habitações que foram demolidas. Estes novos edifícios são de uso misto, habitação e comércio, sendo que uma parte destes se destina a residências de estudantes da zona. Estão agrupados em três quarteirões que delimitam um pátio interno ajardinado, o que os torna coerentes com toda a área monumental adjacente.

- A Este da zona anteriormente descrita foi também traçada, uma **zona de equipamentos, espaços educativos e espaços de lazer**. Esta zona inclui um Lar de Idosos na perspectiva de realojar a população idosa que habitava a zona habitacional pré-existente, proporcionando cuidados mínimos. Foi também projectado um equipamento de associação recreativa que se associou um jardim-de-infância. Por fim, propôs-se um novo Museu Botânico, composto por um Centro de Investigação e uma

Biblioteca, com o objectivo de estudar as diferentes espécies do Jardim Botânico da Ajuda e possibilitar uma maior vivência e aprendizagem.

O **reordenamento urbano** proposto concretiza-se tanto ao nível do alargamento, como de criação de novos eixos viários que tornam possível uma circulação mais fluida em algumas zonas problemáticas existentes no presente, prevendo ainda o provável acréscimo futuro de tráfego.

Ao **nível pedonal**, foram criados passeios mais largos, dotados de mobiliário urbano e elementos de vegetação, em todos os locais onde a permanência é desejável, em contraste, à criação de passeios mais estreitos e menos sombreados em locais de maior circulação, onde não se pressupõe a permanência de visitantes, tal como na zona habitacional da Ajuda.

Tendo em vista uma maior afluência de visitantes, é imprescindível um **reforço dos transportes públicos** de modo a assegurar o acesso a estas áreas monumentais, minimizando o recurso a transportes individuais. Para tal, foi estruturado um percurso que contempla a passagem por todos os pontos elementares das duas zonas, Zona de Belém e Zona da Ajuda.

Ainda neste âmbito, foi também reforçada a **área de estacionamento**, com parques subterrâneos, tanto na Zona da Ajuda como em Belém. Na Zona Ribeirinha, perto da Galeria e perto da Torre de Belém, projectou-se bolsas de estacionamento exclusivamente pensadas para os autocarros turísticos.

Em suma, pode-se concluir que estas **três zonas mantêm funções distintas**, sendo a Zona Ribeirinha caracterizada por ser uma área dotada de espaços de lazer, enquanto a Zona de Belém continua a ter uma função histórica e monumental e, por último, a Zona da Ajuda que se apresenta como área cultural e habitacional.

4.1.1. Plano de Detalhe da Zona de Belém

A intervenção na zona de Belém pretende solucionar os principais problemas encontrados, como a quebra de vivências do espaço e a ausência de ligações com o rio Tejo, de forma a reforçar a ligação dos elementos monumentais existentes.

A parte de Belém que foi trabalhada ao pormenor abrange a zona onde terá lugar o novo Museu dos Coches, a sua área de interligação com as praças, e a estação fluvial localizada na frente Ribeirinha.

Uma das principais intervenções nesta zona foi a requalificação e revitalização funcional das Praças ao nível da geometria e linearidade dos jardins franceses, com tratamento integrado de pavimentos, introdução de mobiliário urbano e elementos de ensombramento que permitam uma melhor e maior permanência no espaço. Os espelhos de água idealizados para esta zona foram pensados para possibilitarem não só o reviver das praias outrora existentes neste local, como também para ajudarem a criar uma ligação visual entre as entradas principais dos elementos monumentais e o rio, privilegiando-se o futuro sem deixar esquecer o passado.

O posicionamento estrutural das árvores, devido ao seu alinhamento rígido, promove um enfiamento visual para o rio, sobrepondo-se às barreiras físicas existentes.

No que respeita às árvores propostas para esta zona, foram escolhidos três tipos de arborização.

- Árvores de copa grande, que servem de elementos de ensombramento para os espaços de maior permanência e onde existe mobiliário urbano (como por exemplo o Castanheiro, e o carvalho).

- Árvores mais baixas e de copas mais reduzidas comparativamente às acima mencionadas, que podem ser usadas como elementos de ensombramento em locais de passagem (como por exemplo as Laranjeiras).

- Árvores estreitas e densas, de copa cónica, usadas para marcar um alinhamento e ornamentação de território (como o caso dos Ciprestes).

Para a zona Belém a proposta visa reforçar a ligação com o rio através da criação de novos acessos pedonais que atravessam a Av. das Índias.

O projecto propõe uma revitalização funcional da zona ribeirinha com a introdução da nova Estação Fluvial e o desenvolvimento de zonas de lazer e comerciais com restaurantes, cafés, lojas, livrarias, entre outros. Estas estruturas foram projectadas com vista a conferirem um maior dinamismo à zona.

Foi também pensada a criação de espaços públicos contemporâneos, com diferentes possibilidades de aproveitamento. Estas estruturas, em elementos relvados/verdes ou em calçada, estão posicionadas ao longo de toda a frente ribeirinha, com formas ondulantes, cujos desníveis podem oscilar entre os 0,50m e os 1,20m. Os principais intuitos da sua construção visam a permeabilidade e permanência dos diversos habitantes e turistas, na medida em que funcionam como zonas de estar, possibilitando a contemplação da paisagem circundante. De notar que a reconfiguração da frente ribeirinha, tanto ao nível da costa, como dos edifícios e espaços públicos criados foi proposta tendo por base uma linguagem mais orgânica, que se remetesse para rio.

4.1.2. Plano de Detalhe do Palácio da Ajuda

De forma mais detalhada, na Zona da Ajuda, tentaram-se resolver os principais problemas do Palácio da Ajuda, nomeadamente o facto de este estar inacabado, a falta de espaços de contemplação e o isolamento no contexto da Área Monumental.

O intuito é valorizar e requalificar os elementos monumentais desta zona que estão degradados ou com pouca visibilidade e estabelecer ligações visuais com a Zona Monumental de Belém e o rio, através de diversos pontos de lazer, descanso e permanência.

Propõe-se o remate e acabamento simétrico à fachada principal do Palácio da Ajuda, tornando-o num elemento imponente, de valor patrimonial que se possa perpetuar na história da nação, algo também visível através da criação de espaços verdes, ao estilo dos imponentes e intemporais jardins franceses.

A Este do Jardim Botânico da Ajuda projectou-se um espaço amplo simétrico que convida à permanência e contemplação da paisagem envolvente. O desnível de 6 metros é colmatado com a criação de miradouros em forma de anfiteatros com degraus de 0,50m cada. Será também criada uma galeria subterrânea, mediada por ambas as escadarias, que permitirá a integração de novas funções nesta zona, ao nível cultural, histórico e patrimonial.

Mais a Norte, na zona de maior declive, recorreu-se à criação de três patamares, de quatro em quatro metros, cujas infra-estruturas subterrâneas projectadas estarão associadas ao lazer e comércio, trazendo assim, mais dinamismo a esta área.

5. Proposta de intervenção ao nível do projecto integrado

5.1. Museu dos Coches

O projecto integrado remete também para a **concepção de um equipamento museológico**, com o intuito de substituir o actual Museu dos Coches, e o respectivo espaço publico envolvente. O espaço ocupado pelo actual Museu dos Coches, foi picadeiro real do Palácio de Belém, sendo que, apenas em 1905, por ordem da rainha D. Amélia sofreu transformação albergando a colecção presente. É actualmente o museu da rede pública de Portugal mais visitado. Contudo, não possui as condições necessárias para expor todos os coches, e devido a isso, estão divididos entre os núcleos de Belém e Vila Viçosa, para além de não permitir uma visão completa das peças em exposição.

Com base nestes aspectos e, sabendo como é importante que o museu não perca, por completo, a ligação que tem com a zona, propõe-se que o novo museu se situe no espaço em frente ao quarteirão Vieira Portuense, estando, assim, perto do antigo e no centro do conjunto monumental de Belém.

Partiu-se do princípio que para se projectar o **Museu dos Coches** é preciso ter em consideração os aspectos conceptuais e funcionais pertinentes. O edifício gera um elemento importante e no contexto onde se situa, precisa de se impor como referência na sociedade, como uma continuação da monumentalidade. Mais do que um edifício, deve ser considerado como um lugar, com carácter urbano forte, legível, agradável, que atraia pessoas de forma a ser usufruído na sua plenitude.

O Museu **subdividiu-se em dois edifícios**, um localizado entre as duas praças importantes, a Praça Afonso Albuquerque e a Praça do Império. Este constitui o núcleo principal e o outro localiza-se na zona ribeirinha, e é caracterizado por ser uma galeria para exposições temporárias. Esta alternativa de ofertas museológicas valoriza o novo museu tendo um efeito multiplicador na afluência dos públicos.

A implantação do museu assenta nos níveis naturais do terreno e a ligação entre os dois núcleos é feita por uma ponte que ultrapassa as barreiras de circulação existentes – viárias e ferroviárias – sem as afectar. Esta ponte permite uma vista privilegiada sobre a riqueza patrimonial, histórica, cultural e paisagística do sítio.

A **construção dos dois edifícios foi intencional**, para que as funções fossem repartidas. Sendo que o núcleo principal, o Museu, se construiu em L, em que as duas partes têm funções complementares em que Norte/Sul se destina às exposições permanentes contendo também as reservas visitáveis e não visitáveis, a oficina de manutenção, a outra parte Este/Oeste destina-se à zona de estar (loja do museu e cafetaria), à zona pedagógica (auditório, biblioteca e salas de actividades infantis), à zona administrativa (gabinetes, arquivos e sala de reuniões) I.S., e às bilheteira/bengaleiro.

O outro núcleo será a Galeria, que ligada através duma passagem aérea ao núcleo anterior, se destina às áreas de cafetaria, galeria de exposições temporárias, I.S. e as bilheteiras/bengaleiro. Os jardins à volta destes elementos são feitos com base em linhas depuradas, havendo um tratamento da área envolvente.

A característica que notabiliza o Museu foi a interrupção da linearidade da fachada oriental do bloco principal, com a projecção exterior de alguns objectos, maioritariamente paralelepípedicos, dispostos em alturas variáveis no alçado principal. São grandes vãos que permitirão a exposição de coches sendo outros reservados a acessórios. Terão como objectivo principal a iluminação natural, pois alguns serão parcialmente envidraçados e outros sê-lo-ão na sua totalidade, que de certo modo facilitará a observação dos coches através do exterior. Atendendo à preservação das peças, os vidros terão características especiais diminuindo a intensidade dos raios solares. Estes vãos serão suficientemente amplos de modo a permitir a circulação dos visitantes. A parede a Oeste do espaço museológico não possui aberturas nem espaços envidraçados

Outra característica prende-se com os acessos. Foram projectadas duas portas, sendo que uma funciona como entrada e saída daqueles que pretendem visitar exclusivamente o museu e outra, com acesso directo à zona pedagógica e administrativa. Esta última permite a usufruição do auditório, de uma forma independente do espaço museológico.

O Museu dos Coches, na sua ala Norte/Sul possui dois pisos, enquanto que a outra ala terá apenas um piso. A segunda é constituída por um piso com um pé direito de 8m e é albergando as três zonas acima descritas. A zona administrativa tem pouco mais de 1000m², a zona de estar 1200m² e a zona pedagógica 1100m². A ala expositiva tem dois pisos; sendo que no primeiro piso alberga o acervo constituindo pois a zona de exposição permanente visitável, com aproximadamente 3000m². As reservas visitáveis ocupam 1600m², e a zona de manutenção, juntamente com a reserva não visitável, abrange 3000m². O 2º piso é a continuação da zona de exposição permanente, com cerca de 2100m², sendo que neste piso também existe

uma zona de acesso à área de manutenção. Este acesso essencial para a deslocação dos coches é feito por plataformas que se deslocam na vertical e também acessoriamente, por uma rampa que acompanha todo o comprimento da ala expositiva. Este elemento de ligação tem aproximadamente 1400m².

De forma a responder ao pretendido, a estrutura do museu é em betão armado, pintado de branco, tanto no exterior como no interior. Na fachada Oeste será aplicado o dispositivo *brise-soleil* em alumínio de barras verticais, de modo a criar um contraste de materiais. O *brise-soleil* será utilizado para impedir a incidência directa do sol na fachada Oeste do Museu. Será em lâminas de alumínio galvanizado, sendo que estas são móveis, estão posicionadas na vertical e o seu eixo está no meio da estrutura de forma a passar a sombra para o exterior se estas estiverem abertas.

O interior do museu foi construído de modo a que o andar superior se interrompa na sua zona central desenhando uma *mezzanine* envidraçada, permitindo o acesso visual a partir do andar inferior.

Os objectos salientes serão em betão e terão zonas transparentes para se observar, de fora, partes da colecção.

O núcleo, a Galeria, do ponto de vista arquitectónico, estrutura, matérias espaço envolvente é coerente com o núcleo principal do museu.

5.2. Conceito Expositivo

O conceito expositivo fundamental na apresentação do acervo tem por base o seguimento da evolução técnica cronológica. Assim o visitante é conduzido, por marcações desenhadas no chão, a fazer um percurso que se inicia com o coche mais antigo, progredindo sucessivamente para o mais recente. Essa orientação permite que haja um seguimento lógico e intencional.

À medida que o espaço vai sendo percorrido os visitantes vão sendo avisados da mudança secular dos coches e acessórios representativos da época, através de uma marcação na parede do ano e século. Estarão disponíveis folhetos explicativos das peças museológicas que permitirão o conhecimento em pormenor, sem ser necessário a presença de um guia. Para além destes, serão também utilizadas tecnologias audiovisuais recorrendo, por exemplo à imagem digital para a apresentação de filmes e de informação respeitante às colecções e às suas épocas.

Outro conceito expositivo foi o que presidiu à concepção da estrutura arquitectónica do Museu, ou seja a estrutura envidraçada interna que permite a visualização por diferentes ângulos das peças, sobretudo as expostas no andar superior, de forma a permitir uma percepção mais coerente do um coche em toda a sua dimensão e beleza, tanto ao nível visual como funcional.

O coche mais antigo é o primeiro a ser visualizado e pelo seu valor histórico e grandiosidade está contido num contentor de vidro, colocado sobre uma passagem inferior de modo a possibilitar a apreciação de diversos ângulos. Este é um princípio expositivo muito interessante, pois a possibilidade de apreciação da peça, sob diversos ângulos, permite a percepção visual de todos os seus pormenores e valores em toda a sua dimensão.

Foi elaborado um **inventário** dos objectos a integrar a exposição permanente nos dois pisos, sendo que no primeiro piso a colecção é dividida em três séculos: XVI, XVII e XVIII e no segundo piso é maioritariamente peças pertencentes aos séculos XVIII e XIX.

A exposição inicia-se com o coche mais antigo, do século XVI, corresponde ao *Coche “Filipe II”*; passando a um espaço, com aproximadamente 3000m², onde serão expostos coches do século XVII, nomeadamente, o *Coche “D. Maria Francisca de Sabóia”* e o “D. Pedro II”. Ainda podem ser apreciados coches do século XVIII: o Coche “Maria Ana da Austria”, “D. João V”, “Conde da Ericeira”, “Meninos da Pavalhã”, “D. Maria Francisca Benedita”, “D. Carlota Joaquina”, “Coche da Coroa_Embaixada Luis XVI”, “Coche do Embaixador_Papa Clemente XI”, “Coche da Coroação de

Lisboa_ Embaixada Papa Clemente XI” e “Coche de Mesa_Troca das Princesas”. Para além destes enumerados, serão expostos três Seges, duas Liteiras e dois Carrinhos de Passeio, do século XVIII.

Passando para o segundo piso, área com cerca de 2100m², a visita começa com as peças do século XVIII: sete Berlindas e uma Cadeirinha, entre as quais a “Berlinda dos Leões”, “Berlinda Patriarcas”, “Berlinda D. Maria I” e a “Berlinda Processional_N. S^a do Cabo” e a “Cadeirinha Caixa” terminando a visita com peças do século XIX, que inclui uma Berlinda “Dormeuse”, dois Carrinhos de Passeio, uma Cadeirinha “D. Maria I”, duas Carruagens “Coroa” e “Gala”, duas Breques, um Velocípede, três Coupé, um Fétone de Criança, uma Mala-Posta, uma Victória, uma Charrette, uma Caleça, um Tonneau, um Landau e, por fim, um Milord.

Na totalidade serão expostos 49 objectos: 13 Coches, 8 Berlindas, 5 Carrinhos de passeio, 3 Seges e 3 Coupé, 2 exemplos de Carruagens, Liteiras, Cadeirinhas e Breques, 1 protótipo de Velocípede, Mala-posta, Fétone, Tonneau, Landau, Milord, Victória, Charrette e Caleça.

As pinturas, gravuras e desenhos vão sendo expostos ao longo da parte expositiva do museu, nos dois pisos, com localização adequada às respectivas épocas, enquanto os acessórios (arreios, armas e trajes) serão expostos em vitrinas, no primeiro piso ao longo do percurso, e no segundo ao longo das projecções dos vãos.

5.3. Espaço Público envolvente do Museu

Como foi referido anteriormente, o novo pólo museológico, Museu dos Coches, está delimitado pelas duas praças existentes, a Praça Afonso de Albuquerque e a Praça do Império e pelo Quarteirão Vieira Portuense. A localização do museu é privilegiada, por estar frente aos Quarteirões Vieira Portuense, uma das zonas mais dinâmicas, na medida em que se trata de uma área de restauração, ladeada por inúmeros espaços verdes, sendo estes, espaços de contemplação.

A revitalização funcional da Praça do Império foi intencional, de forma a criar uma maior ligação com o projecto em si e com os restantes elementos monumentais. Propôs-se a união da Praça do Império ao espaço onde foi projectado o museu, substituído o eixo viário existente à esquerda do Museu, por um espaço exclusivamente pedonal, proporcionando uma harmonia espacial, criando uma área mais coerente.

A praça, ou seja, o espaço central do complexo arquitectónico criado, acaba por ser uma área reservada que suscita a curiosidade e permite, devido às estruturas propostas para o local, a permanência no mesmo.

Esta praça, com cerca de 13.000 metros quadrados, foi proposta com o intuito de se integrar no espaço como área de cultura e lazer. O espelho de água coberto por uma plataforma contribui como factor de atracção de novos públicos sendo vista como zona de exposições, feiras e eventos ligados ao meio artístico, uma área aberta e criativa.

Foi proposto também a criação de zonas pedonais com elementos de ensombramento e mobiliário urbano que facilitem o acesso ao museu e às infra-estruturas existentes.

6. Conclusão

O projecto de intervenção conseguiu a concretização do que é espectável de uma área monumental assim, área monumental representa um conjunto de monumentos de cariz histórico, religioso, cultural e simbólico que deve perdurar para além da memória e do momento e constituir orgulho do cidadão. A Área Monumental de Belém/Ajuda, no contexto da cidade de Lisboa, é considerada um ponto de referência que preenche por si só todos estes conceitos, tanto ao nível nacional, como internacional pela relevância histórica e cultural, pela qualidade patrimonial e arquitectónica associada a grandes espaços de contemplação e, por fim, pela proximidade com o rio Tejo e a sua envolvente.

A área de intervenção insere-se na cidade de Lisboa, nas freguesias de Santa Maria de Belém e Ajuda. Na área monumental Belém/Ajuda encontram-se monumentos como o Museu Nacional dos Coches, o Mosteiro dos Jerónimos, a Cordoaria Nacional, a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, o Centro Cultural de Belém, e ainda, o Palácio da Ajuda e o Jardim Botânico da Ajuda que apesar do seu valor intrínseco que os define como monumentos, constata-se a existência de uma desarticulação espacial, visual, arquitectónica entre eles dificultando também a vivência e a funcionalidade dos espaços, isto é ainda mais evidente quando a proximidade ao rio Tejo não está valorizada. A acrescentar ainda que a zona da Ajuda inclui dois pontos monumentais (o Palácio da Ajuda e o Jardim Botânico da Ajuda) e é de longe a zona mais degradada.

O projecto urbano proposto visou a valorização destas zonas da cidade, dando a devida resposta aos problemas encontrados, como é o caso do isolamento e desarticulação de elementos relevantes do ponto de vista arquitectónico, potenciando as suas características mais relevantes quer culturais, quer históricas, quer funcionais.

Em Belém o objectivo principal foi a valorização, o enaltecimento da zona monumental e do rio. Foram introduzidos edifícios com funções comerciais, habitacionais, culturais e de serviços enquadrados no modelo urbano, foi proposto uma requalificação dos espaços verdes, tornando-os espaços de permanência, estabelecendo ligações visuais com o rio e físicas com a criação de passagens pedonais de ligação ao rio. O intuito principal foi aniquilar a barreira física existente, tornando a zona monumental de Belém e a zona Ribeirinha num só espaço.

Na Ajuda, o propósito principal foi a reabilitação arquitectónica do Palácio da Ajuda, sendo que à sua volta, foram projectados espaços verdes cuja concepção se

assemelha aos jardins Franceses pela sua geometria que permite enquadrar, embelezar e prolongar esta área monumental. Estes espaços têm funções de lazer e de contemplação do monumento em si e do rio. Houve também a preocupação de uma reapropriação social e cultural, criando espaços de apoio às carências existentes na zona habitacional que foi recriada na proposta de intervenção.

Outro dos objectivos passou pela revitalização funcional dos espaços verdes criando agradáveis espaços de permanência e tendo em vista a perspectiva educativa ligada à natureza como ponto de interesse e de motivação. Perspectivou-se também uma melhor circulação pedonal e conforto na acessibilidade a estas áreas monumentais. Para tal, reforçaram-se as acessibilidades internas e as ligações viárias com o resto da cidade. Em toda a zona de intervenção houve a preocupação de implementar mais zonas de lazer dando uma melhor resposta ao turismo e proporcionando oportunidades comerciais.

O projecto do novo Museu dos Coches e o seu conceito arquitectónico e funcional enquadra-se na perspectiva descrita para esta área monumental. O principal objectivo da sua criação foi potenciar e permitir usufruir em toda a sua dimensão de uma colecção de peças de grande interesse histórico e beleza.

O projecto final, para além de cumprir as metas funcionais estabelecidas ao nível habitacional, comercial, serviços e lazer, respondeu à parte social e comunitária da zona de intervenção.

Desta forma o tema proposto – Complementaridade dos dois pólos com o Tejo – foi conseguido através da criação de ligações físicas e visuais entre os elementos relevantes, respondendo assim às aspirações de monumentalidade de uma nação.

7. Bibliografia

A ENCICLOPÉDIA, Jet Maçambará, nº12 Publico. Editorial Verbo, S.A 2004.ISBN (volume XII) 972-22-2302-x

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. *Bellem/Belém: Reguengo da cidade*. Edições ASA, 1998.

BENEVOLO, Leonardo, *Introdução à arquitectura*, Edições 70, 2009.

BOHIGAS, Oriol, *Contra la incontinencia urbana. Reconsideración moral de la arquitectura y la ciudad*, Electa, Barcelona, 2004.

BRANDÃO, Carlos António Leite, *Monumentalidade e cotidiano: a função pública da arquitetura*. mdc . Revista de arquitetura e urbanismo, 2006.

BUSQUETS, Joan; CORREA, Filipe, *Cities X Lines: a new lens for the urbanistic project*, Harvard University – Graduate School of Design, Nicolodi Editore, 2007.

CARVALHO, Artur Marques de, *Do Mosteiro dos Jerónimos de Belém, termo de Lisboa*. INCM, 1990.

CHAROLA, A. Elena, *Torre de Belém : intervenção de conservação exterior*, IPPAR, 2000.

CHOAY, Françoise, *L'Allegorie du Patrimoine*, Éditions du Seuil, Paris, 1982.

COELHO, Carlos Francisco Lucas Dias, *Apresentação do tema: Intervir na cidade monumental*, Faculdade de Arquitectura de Lisboa, 2009.

FRAMPTON, Kenneth, *História Crítica da Arquitectura Moderna*, Martins Fontes, São Paulo, 1997.

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL, 1999. Centro Cultural de Belém: concurso para o projecto, IPPC, 1999.

LEFEBVRE, Henri, *A revolução urbana*, 1999.

LEFEBVRE, Henri, *Introdução à Modernidade*, 1963.

LE GOFF, Jacques, *Documento/Monumento*, Enciclopédia Einaudi, Porto:Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985. v. 1, p. 95-106.

MONTANER, Josep Maria, *Arquitectura e Crítica*, Gustavo Gili, Barcelona, 1999.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci*, Electa, Milano, 1992.

OLIVEIRA E CUNHA, Maria, *“Intervenção na cidade existente”*, [s.d.], www.ipov.pt

SERT, J L; GIEDION, S ; LÉGER, F. *Nine Points on Monumentality*. The Harvard Architecture Review. Vol. IV, Monumentality and the City [s.d.]

SOLA-MORALES Y RUBIÓ, Manuel de, *Las Formas de Crecimiento Urbano*, Ed. UPC, Barcelona, 1997.

RAMOS, Ángel Martín. 2004. Lo Urbano en 20 autores contemporaneos. Barcelona : Edicion UPC, 2004

RUBERT DE VENTÓS, Maria, *La Ciudad No Es una Hoja en Blanco*, Hechos del Urbanismo, Santiago, Chile, 2000

VENTURI, Robert, *Complexity and Contradiction in Architecture*, The Museum of Modern Art, New York, 1966.

http://www.igeo.pt/atlas/Cap2/Cap2d_2.html. SOARES, Nuno. *UMA POPULAÇÃO QUE SE URBANIZA, Uma avaliação recente*. Instituto Geográfico Português.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal>

Anexos